

Acordo comercial com Cuba depende de crédito do BC

DEOLINDA SARAIVA
Correspondente

Rio — A conclusão do acordo comercial tecido por Brasil e Cuba, a partir da visita do ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, àquele país este ano, está na dependência da concessão pelo Banco Central de linhas de crédito para o governo cubano financiar suas importações. O BC, segundo industriais reunidos ontem na Confederação Nacional da Indústria, reluta em autorizar o financiamento por causa do "calote" que Cuba teria dado na Argentina de 200 milhões de dólares.

Esse obstáculo não está afetando, contudo, o andamento das negociações entre os governos cubano e brasileiro, que vem trocando informações sobre o leque de produtos que poderão ser intercambiados entre os dois países. Ontem mesmo, o representante do Itamarati, ministro Samuel Pinheiro Guimarães Neto, secretário executivo da Comissão Nacional para a Associação Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado (Aladi) — entidade que responde pelos interesses comerciais dos países latino-americanos —, esteve reunido com os industriais da CNI para ultimar a lista de produtos brasileiros com potencial de exportação para Cuba.

A CNI já tem a relação de produtos que o governo cubano tem interesse em exportar ou importar do Brasil. Do lado brasileiro, de acordo com o economista Augusto Baldoni, da Comissão de Comércio Exterior da Confederação, há expectativas de que seja possível adquirir matéria-prima para a indústria farmacêutica na área de química fina, invólucro (capa)

para produção de charutos, peixes enlatados, uma extensa gama de produtos médicos e farmacêuticos que vão desde hormônios e vitaminas e antibióticos, além do know-how em Biotecnologia cubana — uma das mais avançadas do mundo.

Os cubanos, por sua vez, apresentam uma lista de quase 100 itens com produtos que tem interesse em importar, como farelo de soja, gasolina, luminárias industriais, ferramentas de mão, ladrilhos e até extintores de incêndio. Mas o grosso das exportações, porventura, o Brasil venha a efetivar com Cuba ficará no setor de máquinas e equipamentos e de bens de consumo duráveis, principalmente a chamada linha branca (refrigeradores).

O potencial que esse comércio bilateral pode gerar em dólares é pequeno, conforme o ministro Guimarães Neto e os industriais da CNI, não só pelo pequeno mercado cubano (população de 10 milhões de habitantes), mas pela escassez de divisas em Cuba. Assim, acrescentam, há necessidade de que exista equilíbrio nas trocas comerciais e que empatem os valores desse intercâmbio.

O governo cubano aguarda, no momento, a resposta do Banco Central sobre a linha de crédito necessária para financiar suas importações. O BC, no entanto, só estaria disposto a conceder um máximo de 20 milhões de dólares, a título de teste, conforme um industrial que acrescentou: "É uma quantia que a gente pode perder sem dor e que não compromete politicamente o Governo brasileiro em seu esforço de aproximação com Cuba".